



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO JANE VANINI CÁCERES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA
PROFHISTÓRIA



PROJETO DE PESQUISA: Memórias de migrantes e iconografias na composição do ensino de História em Comodoro-MT.

VÍNCULO INSTITUCIONAL: Programa de Mestrado em Ensino de História – PROFHISTÓRIA – Campus Universitário Jane Vanini – Cáceres/MT.

PESQUISADORA: Fernanda Jardim Vieira

ENTREVISTADA 1: KATIA DAS GRAÇAS SANTOS PIOVEZAN

ENTREVISTADO 2: JÚLIO CEZAR RIGO PIOVEZAN

DATA/LOCAL: 20 de maio de 2020. Comodoro-MT

DURAÇÃO DA ENTREVISTA: 46 minutos

ASSUNTO: História de vida, história de migrante, história da cidade.

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA COM KÁTIA E JÚLIO

Pesquisadora: Boa noite. Eu estou aqui com o senhor Júlio Cezar Piovezan, que gentilmente aceitou participar desta entrevista para o projeto: Memórias de Imigrantes e Iconografias na Constituição da História de Comodoro. Eu vou está conversando com ele sobre a história dessa comunidade da qual nos fazemos partes. Então eu vou pedir para o senhor se apresentar, falar seu nome completo, data de nascimento.

J.C.R.P: Boa noite. Meu nome é Julio Cezar Rigor Piovezan. Nasci no dia 6 de maio de 1962, no estado do Espírito Santo. Nos somos capixabas, mas somos criados em Mato Grosso. Eu vim para cá com sete anos de idade. Moramos muito tempo em Cuiabá.

K.G.S.P: Várzea Grande Cuiabá.

J.C.R.P: Várzea Grande Cuiabá. Nos mexíamos com madeira, e aqui era uma região que tinha muita madeira. Então viemos para cá, chegamos ainda no início, era na época do chefão ali, que a BR ainda não passava lá. Mas em 84, se eu não me engano, foi feito o traçado aonde ia passar o asfalto, que até então era estrada de chão. De Lacerda para cá, o exercito demarcou aonde era o asfalto, e passou aqui. Quer dizer, o chefão ficou distante, uns oito quilômetros ou mais, e Alvorada também ficou longe, e ai veio da ideia da família de comprar essas áreas aqui e iniciar uma cidade. Mas para isso não foi fácil, porque uma cidade no início ela precisa de muita estrutura: Sistema de água; de

luz; abrir rua, aprovar um loteamento, e a família Piovezan fez isso tudo com recurso próprio. Construíram o sistema de água precário não é, construíram delegacia, escola, construíram também uma hidrelétrica na época, porque não tinha luz.

Pesquisadora: Atendia toda a cidade, essa hidrelétrica?

J.C.R.P: Sim, toda a cidade! Na época, ela era suficiente, mas depois ela foi crescendo e se tornou necessário buscar novas energias, mas depois veio a campanha em 86, e aí sim começou ali uma dificuldade em relação a política. Pessoal nosso achava que devíamos ter o primeiro prefeito, mas na época veio um empresário muito forte para cá, o Mazuti, mas na época ele queria emancipar Campos de Júlio, mas queria ser prefeito aqui, no primeiro mandato, para criar forças para criar o município de Campos de Júlio, mas aí não houve acordo, houve uma disputa de campanha, na época foi o meu tio Adilson que foi o candidato, e perdemos a campanha, o Mazuti ganhou. Ele foi o primeiro prefeito. A cidade de lá para cá foi crescendo, foi se desenvolvendo e chegou no ponto que está hoje.

Pesquisadora: Inicialmente, quando vocês vieram, que nem o senhor falou que morou um tempo em Cuiabá, até ir para cá. Como foi essa mudança de lá para cá? Vocês chegaram a vir com mudança? Como que eram as estradas para chegar até aqui? Quando o senhor veio já tinha asfalto? Como foi esse trajeto?

J.C.R.P: Então, o asfalto... a primeira vez que nós viemos para cá, foi no ano de 80, nós viemos tirar madeira, e não existia o asfalto, era estrada de chão. O asfalto era até Cáceres se eu não me engano, e depois era tudo estrada de chão. A gente veio primeiro tirava madeira, mas nos morávamos em Cuiabá, tirava madeira aqui e mandava para Cuiabá, de Cuiabá para São Paulo e São Paulo para Curitiba, e aí foi criando uma estrutura aqui, e aí comprou uma fazenda, nos tirávamos madeira e depois abriu fazenda, tinha muito pasto. Em 84 teve o asfalto, aí foi à época que nos mudamos para cá, nós mudamos para cá em 85, não é bem? Eu vim no começo de 85, aí a Kátia... eu e minha esposa viemos no meio do ano, em julho não é bem? Quando nos casamos aí viemos para cá. Eu construí uma casa aqui... na verdade, naquela época, havia-se uma dúvida se aqui ia ser alguma coisa, se ia passar a ser município ou não, era uma aventura. Nós construímos a primeira casa de alvenaria em Comodoro. Não tinha nenhum casa de alvenaria, o pessoal construía casa de madeira, porque aqui tinha muita abundância de madeira, tinha serralheria e tal. Tinha muita madeira! Fizemos a primeira casa de alvenaria, que fica hoje ali perto da prefeitura, ali.

Pesquisadora: Muito legal! Mas a maioria das casas era madeira?

J.C.R.P: Madeira!

Pesquisadora: Então o senhor chegou aqui em 85, qual foi a primeira impressão que o senhor teve quando chegou aqui, do lugar, das pessoas?

J.C.R.P: Então, eu vim no início do ano de 85, meu pai estava aqui, minha mãe estava aqui, eles já estavam morando aqui, e eles me convidaram para vir para cá, porque eles

achavam muito interessante eu montar um comércio, um material de construção. Eu vim para cá com essa ideia, dar uma olhada no local, ver o potencial, para montar essa primeira loja de material de construção, chamada COMAFER. Eu gostei do lugar, estava no início mesmo, tinha poucas casas, mas a gente via que tinha um grande potencial. Comodoro ficava bem localizada, ficava um pouco longe de Vilhena, um pouco longe de Lacerda. Nos tínhamos várias colônias aqui por perto, no caso do chefão, Alvorada, colônia dos Mineiros. Na época existia o Padronal, hoje está meio de vagar lá, mas na época tinha muito movimento lá também. Então assim, Comodoro centralizava. Tinha muitas fazendas grandes aqui pra baixo, para o lado do Guaporé.

K.G.S.P: CONFAP

J.C.R.P: Zilo, CONFAP. Antigamente, não é!

K.G.S.P: Hum rum [Concordância].

J.C.R.P: Então assim, eu vi que tinha potencial, então eu montei a loja.

Pesquisadora: De materiais de construção?

J.C.R.P: Materiais de construção.

Pesquisadora: O primeiro materiais?

J.C.R.P: Sim!

K.G.S.P: Foi o primeiro.

J.C.R.P: Fica hoje aonde é a Droga Center, a farmácia Droga Center.

Pesquisadora: Perto da praça, não é?

J.C.R.P: Sim, na esquina.

Pesquisadora: E os serviços básicos aqui, quando vocês chegaram, serviços de saúde, serviços público mesmo.

J.C.R.P: Então, eram precários. Você quer ver, ô, hospital. Veio um médico para cá, chamado doutor Augustinho, ele construiu de madeira um galpão, lá que se tornou hospital, aonde é a prefeitura hoje, só que aonde era aquela parte de madeira, que até derrubaram agora, mas era ali que era o hospital. Então assim, atendia assim o básico, e muitas coisas nós tínhamos que ir para Vilhena.

Pesquisadora: E o hospital era particular ou era público?

J.C.R.P: Era particular dele.

K.G.S.P: Do doutor Augustinho!

J.C.R.P: Na época, comunicação tinha um “PS”- Posto de Serviço Telefônico, que tinha três cabines telefônica para atender todo mundo (Risos). Então assim, a pessoa tinha que ir lá, falar só o necessário e dar a vaga para o outro, que formava fila. Naquela época não existia celular.

K.G.S.P: Era só o telefone.

J.C.R.P: É, mas já existia a delegacia, já existia uma escola, que era a Rosa Frigger Piovezan na época. Ela funcionava ali aonde é o posto de saúde hoje, o PAM.

Pesquisadora: Mas eles eram antes atendido pelo estado ou era tudo particular?

J.C.R.P: Quem construiu foi a família Piovezan, tanto a delegacia, como a escola e outras coisas mais, eu acho... já era pelo estado bem?

K.G.S.P: Na verdade a gente já fazia parte do estado mais era pela Vila Bela da Santíssima Trindade.

Pesquisadora: Entendi...

K.G.S.P: Era uma parceria. O município entrou com o prédio, com o local, mas era vinculado com a escola do município lá da Vila Bela da Santíssima Trindade

Pesquisadora: E como o senhor diria, se fosse descrever, como era viver aqui na época, o que o senhor diria?

J.C.R.P: Então, tinha dois lados, aqui era difícil porque no início faltava toda a infraestrutura não é. A gente era acostumados em Cuiabá, uma cidade grande, que tinha vários confortos, por exemplo, nós chegamos aqui não tinha energia elétrica, quer dizer, para nós era um caos, porque até as coisas dentro de casa não funcionava, o ventilador a geladeira, se já pensou? (Risos) Mas aqui existia uma serraria, que é o chefão no caso, TRANSCOM, eles tinham uma usina pequena, e passava por aqui, aí houve um acordo da família com eles, e eles cederam um pouco de energia para algumas pessoas.

K.G.S.P: E na verdade foi para atender as necessidades básicas, tipo assim, a energia era dada para o posto de gasolina, por causa daquelas bombas ne, trabalhavam a energia.

Pesquisadora: O posto de pertencia a família de vocês?

K.G.S.P: É, o posto pertencia a família, o direito do posto era da família, mas era do Simareli...

J.C.R.P: O Simareli tinha conseguido já o direito, mas o pessoal nosso montou o posto e tocou a trinta anos, era contrato, mas o direito era dele não é, do posto, a gente só tocava. Mas eu gostei assim, eu gostei de ver o potencial da cidade não é. Eu falei assim: “Isso aqui tem tudo para crescer!” As pessoas que vieram para cá, que veio no início, vai ter oportunidade de se estabilizar aqui, de crescer não é. Esse era um lado que a gente tinha esperança, e como deu certo.

Pesquisadora: Quantas casas aproximadamente tinha no início, o senhor sabe dizer?

J.C.R.P: Olha...

K.G.S.P: Dava para contar (Risos), não sei...

J.C.R.P: umas trinta casas por aí.

K.G.S.P: Trinta casa. Era a casa da sua mãe, a casa nossa...

J.C.R.P: Umas trinta casas

Pesquisadora: Trinta casas.

J.C.R.P: É.

K.G.S.P: A dona Helena

J.C.R.P: O pessoal do Milton Zanete.

K.G.S.P: Isso.

J.C.R.P: A tia Dijalva.

K.G.S.P: A Anitta, a falecida da Anitta.

Pesquisadora: Em relação a tentativa de formação da cidade, foi feita algum associação de moradores? Vocês participaram de alguma associação de moradores com esse intuito?

J.C.R.P: Associação de moradores...

K.G.S.P: Não, Comodoro foi assim, a família colocou para estruturar, ela convidou o senhor Luiz Grande. O seu Luiz Grande ajudou a organizar como que iríamos fazer a ocupação da cidade. E com isso a madeireira Piovezan, abriu um escritório que era a imobiliária. Quem tomava conta da imobiliária era o Seu Luizão. Com ele veio três moças de Cuiabá, e essas três moças que divulgaram, levaram para Vilhena, levaram as plantas não é, baixa da cidade e saíram vendendo lote. Vendiam lote em Vilhena, em Pontes de Lacerda. As pessoas vinham comprar lote aqui. Teve gente que comprou lote e nunca nem se estabeleceu aqui. Ai depois venderam, teve gente que veio depois para cá. Pessoas que chegaram de fora para poder tentar a vida aqui também. Então foi acumulando gente, foi lindo! Tanto que se você for estudar um pouco a cultura de Comodoro, você vai ver o que, que não existe! É uma mistura de um monte de gente, não é. É capixaba, paulista, mineiro, é uma mistura.

J.C.R.P: Outro detalhe importante também, é que a família comprou essas terras aqui, mas do outro lado do asfalto era do Zenor Zambam, e ele não quis vender lá, “Não, vai montando a cidade aí, mais para frente a gente vê como é que faz, vocês também podem até montar a imobiliária aqui, vender os terrenos e tal”, mas isso não aconteceu. Ele esperou só até que aqui criasse uma infraestrutura, e aí ele pegou uma, carona, depois

que já estava tudo movimentado. Ele criou a imobiliária dele, andou vendendo uns lotes por lá.

Pesquisadora: Que é ali hoje o “Nova Vacaria”.

J.C.R.P: É, Nova Vacaria.

K.G.S.P: Você perguntou assim da existência da estrutura, por exemplo, a água, a água aqui era caminhão que trazia para a gente. A gente tinha caixa d’água, aí o caminhão vinha trazia, enxia as caixas d’água da gente.

Pesquisadora: De onde ele vinha?

K.G.S.P: Ele vinha do rio, era do cascalheira, que hoje chama cascalheira, ou do riozinho lá embaixo que também faz parte do cascalheira, mas é mais para baixo.

J.C.R.P: Hoje, aí onde é hoje a captação de água de Comodoro, na época também se pegava água ali, aqui embaixo.

K.G.S.P: Só que não era naquele local, era um pouco mais para baixo. Então assoreou o riozinho. Então quer dizer, a gente não tinha energia, a gente ficava... a gente casou, a nossa família não é, a gente casou em 85. Viemos para cá sem luz sem água...

J.C.R.P: Sem telefone.

K.G.S.P: Sem telefone. Tudo que a gente precisava as vezes comprar tinha que ir em Vilhena.

Pesquisadora: Quanto tempo para ir?

K.G.S.P: Não, aí já tinha asfalto. Aí era rapidinho. Mas tudo era Vilhena, e assim, as dificuldades, cada um tinha a sua fossa séptica, cada casa que era construída, era construída inteira, então a gente não tinha essa questão do esgoto que tem hoje, que estão construindo, e o hospital da gente, quem atendia todo mundo era o doutor Agostinho. Atendia criança, velho (Risos), mas teve um antes dele que foi o Renato Cros, não é?

J.C.R.P: O Renato Cros, ele trabalhou aqui mas não montou o hospital não.

K.G.S.P: Ele não montou, ele ficou um tempo aqui.

J.C.R.P: E o Augustinho depois foi embora, depois de uns três anos, aí o Rômualdo, mais os outros médicos montaram o hospital.

K.G.S.P: Construíram?

J.C.R.P: Construíram.

Pesquisadora: Que é o atual?

J.C.R.P: É o atual. E ai melhorou bastante, porque já tinha uma certa infraestrutura.

Pesquisadora: Mas ai foi bem depois também não é?

J.C.R.P: Não, foi em 88.

K.G.S.P: Não, 98, não 88.

J.C.R.P: 88. O nosso filho nasceu aqui.

K.G.S.P: Nasceu no hospital.

J.C.R.P: Ele nasceu no ano de 88, em abril de 88.

Pesquisadora: Realmente, então não demorou muito não, foi rápido. Em relação ao nome da cidade, tem várias, algumas explicações populares para a escolha, então eu queria saber, se havia algum nome anterior, se vocês participaram desse processo de escolha, se houve um processo de escolha.

J.C.R.P: Então, que eu saiba não. Quando iniciaram aqui, a primeira coisa que eles montaram aqui foi o posto não é, o posto de combustível ali, e ai precisavam dar um nome para o posto também, e eles decidiram por conta própria. Agora eu sei de uma história, que eu não sei se talvez seja a real, não é, a gente não está bem informado disso, mas um tio meu no posto, passou um opala Comodoro, ele achou bonito o nome Comodoro, que isso representa uma patente da marinha, então ele achou bacana o nome. Então sentou com os irmão ali e mais algumas pessoas e tomaram essa decisão de ser o nome de Comodoro.

Pesquisadora: Que seria na verdade o nome do posto?

J.C.R.P: É...

Pesquisadora: E depois acabou passando a ser o nome da cidade também.

J.C.R.P: É da cidade.

Pesquisadora: Eu encontrei uma foto, mas eu não sei a quem ela pertence, não está aqui, mas está no meu computador, de um outdoor do loteamento, e ai estava escrito: “Cidade de Comodoro”, era o nome do loteamento?

J.C.R.P: Sim.

Pesquisadora: Certo, então esse seria o processo de escolha, o processo de escolha foi esse: passou um carro.

J.C.R.P: Exato, ai pintou essa ideia não é.

Pesquisadora: Tá certo uai, sempre a história que se conta realmente, popularmente é essa mesmo.

K.G.S.P: É.

Pesquisadora: Sobre as lojas, igrejas, armazém, o senhor poderia descrever como que era, se tinha, como que funcionava, se atendia todas as necessidades.

J.C.R.P: Então, a primeira igreja foi a católica, como sempre não é, e o pessoal nosso era tudo católico na época. Então foi construindo uma capelazinha, aonde é hoje, ela está mais na lateral, era na esquina de cá...

Pesquisadora: Consegui uma fotografia da igreja de madeira!

J.C.R.P: Ah é.

K.G.S.P: A minha sogra ajudou a construir aquela capela.

J.C.R.P: Mas chegou outras pessoas aqui que também eram de outras denominações não é, e eles também foram construindo as suas igrejas não é. Ganhava, naquela época ganhava muito terreno: “A, vou construir uma igreja”. A gente doava aquele terreno. “A, vou construir uma coisa assim que é para o bem de todos” a gente doava. Houve muitas doações de terreno.

K.G.S.P: Por exemplo, mercado, a gente já tinha um mercado aqui que chamava mercado Brasil. Que era o da Anita, na verdade não era um mercado, era um armazém, era uma coisa, grande.

J.C.R.P: Era da família, a família montou o mercado.

K.G.S.P: Um prédio...

J.C.R.P: Ai depois veio essa senhora, uma gaúcha não é, e ela teve interesse de comprar, e para a família foi bom não é, não tinha interesse de tocar o mercado, porque essa questão de venda a prazo é complicada não é. Então ela comprou o mercado e tocou por um bom tempo. Depois da Anita veio o mercado Pato Branco, que era uma extensão de Vilhena, o pessoal de Vilhena que montou o mercado aqui que hoje chama Patu, não é. Mas era aquele mercadinho que era até bom na época. O primeiro banco que veio para cá foi o Bradesco. Aquele prédio do Bradesco era da família, depois o Bradesco comprou. Ai veio vários outros bancos.

K.G.S.P: Ai veio correios.

Pesquisadora: Farmácia tinha?

K.G.S.P: Farmácia tinha.

J.C.R.P: A primeira farmácia foi a do Artenio. Já faleceu também.

K.G.S.P: Ai depois o Calu ficou com a farmácia. Mas ai já tinham outras farmácias. Ai surgiu outros materiais de construção e foram ...

J.C.R.P: O segundo material de construção foi o Darci Carraro mesmo que montou.

Pesquisadora: Era o mesmo que o de vocês?

J.C.R.P: Não, o nosso era um e o dele era outro.

Pesquisadora: E as ruas da cidade, como que eram? Na época assim, como que elas estavam estruturadas?

J.C.R.P: No começo era a mesma coisa que você andar naquelas ruas do velho oeste desses filmes. (Risos). Porque as ruas foram todas abertas com esses tratores de esteira, foram patroladas, mas oque que acontece, muita poeira, e na época da chuva era muita lama, era difícil! Mas era início todo mundo estava animado, todo mundo ganhando um dinheirinho, então assim, não ligaram muito para essas coisas.

K.G.S.P: E que assim, o social da cidade, todo mundo participava. Ia fazer um baile, uma festa, alguma coisa assim, a cidade inteira ia, a comunidade inteira ia, participava.

J.C.R.P: Construíram um CTG. Foi até o menino lá da loja, o Severino.

K.G.S.P: Mas antes do Severino, teve aquele da Marli lá embaixo, o bailão da Marli.

J.C.R.P: É o Severino foi mais tradicional. É, o Severino que hoje é o dona da loja veste moda.

Pesquisadora: Então assim, havia uma união muito grande, entre a comunidade.

J.C.R.P: Havia

K.G.S.P: A gente sabia do aniversário de todo mundo. Comemorava o aniversário de todo mundo.

Pesquisadora: E hoje isso está se perdendo, a senhora acha que é pelo tamanho.

J.C.R.P: Os tempos mudaram não é.

K.G.S.P: Os tempos mudaram. Cada pessoa pegou rumo, não é.

Pesquisadora: E como que eram os partos, naquela época? eram tudo normalizados já no hospital, vocês falaram que seu filho nasceu aqui.

J.C.R.P: Então, o nosso filho nasceu em 88 e já foi por cesárea ne bem?

K.G.S.P: foi.

J.C.R.P: Cesárea, o Romualdo era o médico. Mas tinha mais dois médicos.

K.G.S.P: Como era o nome mesmo, de quem fez o meu parto. Quem fez o meu parto não foi o doutor Romualdo, esqueci o nome dele agora. A mulher dele é dona daquele laboratório Carlos Chagas lá em Vilhena.

Pesquisadora: Eu não conheço.

K.G.S.P: Quase perto do Bom Jesus ali.

Pesquisadora: Hum, Osvaldo Cruz. De frente o Osvaldo Cruz.

K.G.S.P: Isso, Carlos Chagas é assim. Eu esqueci o nome dele agora.

J.C.R.P: Então já tinha uma estrutura

Pesquisadora: Em 88 no caso.

J.C.R.P: Em 88.

Pesquisadora: Vocês falaram que a cidade foi fruto de colonização privada. Naquela época o governo federal estava disponibilizando vários incentivos fiscais para essa região, principalmente daqui para frente em questão da Amazônia legal, marcha oeste e tudo mais. Vocês receberam algum tipo de incentivo do INCRA ou qualquer coisa?

J.C.R.P: Não.

Pesquisadora: Nada de incentivo.

J.C.R.P: O INCRA, desde aquela época ele já comprava algumas áreas e colonizava não é, tanto é que aconteceu isso com as colônias do Mineiros, o Padronal, várias glebas que tiveram aqui não é. A fazenda macuco que hoje é gleba macuco. Foi tudo comprado pelo INCRA e distribuído, e o INCRA naquela época também dava recurso não é. No início quando o cara começava eles doavam as coisas.

Pesquisadora: Mas aqui não foi o caso?

J.C.R.P: Não!

K.G.S.P: Aqui tudo foi construído pela família.

J.C.R.P: Com recurso próprio.

K.G.S.P: Tudo com recurso próprio! As casas que foram ocupadas, também tinha um hotelzinho, que também a família que tinha construído, mas assim outra pessoa que tocava, a família não tinha contribuição nisso.

Pesquisadora: E quais indivíduos o senhor identificaria como essenciais no processo de construção dessa cidade? Na sua concepção, não precisa ser o que todo mundo acha.

J.C.R.P: No início? Então eu vejo assim, uma pessoa que a Kátia citou aqui, o comendador Luiz Grande, ele foi assim um baluarte, que ele já tinha assim uma experiência como prefeito, foi prefeito de Viena em Mato Grosso do Sul, foi 13 anos prefeito por lá, aí teve uns problemas lá e veio para aqui, enfim, ele contribuiu com os conhecimentos que ele tinha não é. Não é simples a pessoa montar a estrutura de uma cidade, tem que obedecer várias regras, padrões. Então ele já tinha esses conhecimentos, a família não tinha esses conhecimentos, mas ele tinha! Então a família contratou ele e ele se doou muito por isso aqui. Até a câmara dos vereadores, ele é patrono. Não é?

K.G.S.P: Acho que é

J.C.R.P: Comendador Luiz Grande, então ele foi uma pessoa muito importante. Agora lógico que teve muitas famílias que no início ajudou não é. É até ruim falar nomes, porque de repente você fala de alguns e não fala de outros.

K.G.S.P: E nós também tivemos muito incentivo político, tipo: Júlio Campos, Francisco Monteiro...

J.C.R.P: Jonas Pinheiro.

K.G.S.P: Jonas Pinheiro, então assim, foram pessoas políticas que ajudaram na formação do município nas questões políticas.

Pesquisadora: E quais razões eles tinham para dar essa ajuda?

K.G.S.P: Muitos é pela amizade com a família.

J.C.R.P: Na época nós já tínhamos um tio, que ele era prefeito lá em Acorizal, perto de Cuiabá, ele já tinha um vínculo com a política e tal, e aqui necessitava muito disso. Tanto é que para depois conseguir verba para construir delegacia e tudo mais.

K.G.S.P: Melhores estruturas...

J.C.R.P: É, posto de saúde. Então necessitava dessa ajuda. Mas a ajuda maior foi quando eles tinham o desejo de transformar isso aqui em município. Pra você vê, Comodoro passou a ser município em 86, começaram aqui e, 84, em 86 já tinham aprovado.

K.G.S.P: Mas aí teve um mandato tampão, foi conhecido como tampão...

J.C.R.P: É, porque estava no meio dos outros mandatos dos outros prefeitos não é. Então em 88 já teriam nova campanha.

K.G.S.P: Então o primeiro prefeito foi o Jair Benedete, não foi?

J.C.R.P: Jair Benedete.

K.G.S.P: Você falou que foi o Mazuti.

J.C.R.P: Foi o Mazuti, mas ele colocou o Jair Benedete, tá certo!

Pesquisadora: Foi o Jair apoiado pelo Mazuti.

J.C.R.P: Isso!

Pesquisadora: Entendi. Já que estamos falando de política mesmo, como que funcionavam as eleições aqui na época? Quem eram os líderes políticos da época, o senhor já citou aí que era o Jair, o Mazuti.

J.C.R.P: Aqui tinha dois lados. Tinha a família Piovezan com seus amigos e conhecidos e tinha o Mazuti que tinha chegado aqui recente, com a intenção de criar também o município de Campos de Júlio. Só que assim, formou dois blocos, só que assim é muito difícil você acreditar que ele chegando de última hora ele ia conseguir tantos votos, não é? Porque quem chegou aqui, criou, investiu, porque não é fácil você investir, sabendo que às vezes não podia dar em nada. Então pessoal viu isso, então se fosse sair perguntando em que você vota, 90% ou mais votava no candidato nosso. Mas houve vários problemas no dia da apuração lá em Pontes e Lacerda, que pertencia a comarca de Lacerda, acabou a energia na hora da apuração dos votos.

K.G.S.P: Os votos eram naquelas urnas de papel...

J.C.R.P: Eram contados. Ai acabou a energia lá, ai demorou tempo para essa energia voltar. Então assim, aconteceram coisas que ficaram muito suspeitas não é. Mas isso ai passou, depois todo mundo se tornou amigo, e então acabou não é.

Pesquisadora: No caso, a justiça eleitoral não era eletrônica, era manual e não era 100 confiável.

K.G.S.P: No entanto que a campanha era feita aqui, a votação era feita aqui e as urnas eram levadas até Pontes de Lacerda. Então no levar essa urna também a gente não sabe não é. Porque foi uma coisa muito estranha não é, você perder por cinco votos.

J.C.R.P: Foi sete.

K.G.S.P: Sete votos. Então quer dizer, um candidato chega e ele ganha por sete votos, primeiro acaba a luz (Risos)

Pesquisadora: Entendi.

J.C.R.P: Ficou suspeito não é. Ninguém prova nada. Mas ficou esquisito.

Pesquisadora: Passou não é. Então nós podemos dizer que haviam duas lideranças políticas, seriam o Mazuti e o senhor Adilson, no caso.

J.C.R.P: É, o Adilson era o candidato da família no caso.

Pesquisadora: Ai seriam eles quem seria a liderança política da época.

J.C.R.P: Sim.

Pesquisadora: Em relação a primeira escola no caso, que é o Rosa. No caso do município, é o Rosa ou é o Djalma?

K.G.S.P: Djalma.

Pesquisadora: Djalma é a primeira do?

K.G.S.P: Não, Djalma é estado. Cora Coralina.

J.C.R.P: Não, pera aí. Do município?

Pesquisadora: Municipal, que criou, do município eu quero dizer...

J.C.R.P: Nossa senhora das graças.

K.G.S.P: Não, foi o Rosa Frigger, depois fez o Nossa Senhora das Graças e depois o Cora Coralina. Só que depois, Cora Coralina passou para o estado.

Pesquisadora: Entendi. Como que funcionava essas aulas, tinha uma estrutura, saberia me dizer?

K.G.S.P: Eu cheguei aqui em 85. Eu não tinha terminado o ensino médio. Eu fui ser professora na escola que hoje é Rosa Frigger Piovezan, mas que era lá embaixo, numa casinha de madeira. As salas de aula eram divididas com uma parede de madeira. Enquanto você estava dando aula em uma sala a outra estava escutando. Mas a gente tinha a diretora que era a dona Helena que cuidava tudo. A Virginia, eu Ana Maria, Aldir, Elenice, tinha merendeira também na época. Então assim, a gente atravessa os matos para poder chegar até a escola, que as quadras não estavam ainda tudo limpinha, então a gente atravessava, fazia um carreador, para chegar até a escola. Aí os alunos nosso era daquele pessoal que estava chegando em Comodoro, que também vinham tentar a vida aqui; mecânico,

J.C.R.P: Madeireiro. Tinha muita cerraria aqui.

K.G.S.P: Tinha muita cerraria.

Pesquisadora: Era a principal atividade da cidade.

J.C.R.P: Sim. 90%.

K.G.S.P: E aí eles vieram. A minha sogra foi a primeira família Piovezan a se instalar aqui. Veio morar na cidade realmente, literalmente! Então é o seu Nilson e a dona Mafalda, e eles trouxeram os filhos deles. Ele, o Eder e o Anailson e a Nilce que é filha, mas ela veio só depois. Mas os meninos vieram os três, mas a primeira família Piovezan a se instalar, morar aqui mesmo foram eles. E aí depois foi vindo os outros. O tio Adilson, ele veio mais por questões políticas não é, fazia mais o controle também da imobiliária. De toda a parte...

Pesquisadora: Como que chamava a imobiliária?

J.C.R.P: Piovezan comércio de madeiras.

Pesquisadora: E nessa escolinha de vocês tinham um grande número de alunos, ou não?

K.G.S.P: Eu não me lembro. Nossas salas eram cheias, eu dava aula para o primeiro ano. Eu tinha 25 alunos, a outra sala tinha 30, devia ter uns cem, cento e pouco, que atendia lá, não é, eu acredito que seja isso.

Pesquisadora: Se vocês fossem falar algum fato, ou alguma coisa ocorrida que vocês consideram que foram marcante na década de 80 que é quando vocês chegaram aqui, o que vocês diriam, que memórias vem a cabeça?

J.C.R.P: Marcantes....

K.G.S.P: Para mim?

Pesquisadora: É pra vocês.

K.G.S.P: Pra mim o que era marcante era a questão assim, cidade pequena tem a questão de poceiro, eu nunca tinha visto essa questão de poceiro. Questão das abrigarem por conta de terras, pistoleiro, eu via mesmo, isso eu via aqui. E a gente via muitos tiros e pra mim aquilo era assustador. O que me marcou bastante foi eu ver da minha casa, longe uma pessoa atirar em outra pessoa e a pessoa cair. Eu nunca tinha visto aquilo, para mim foi assustador! Essa parte foi muito marcante.

J.C.R.P: Não sei, é no início de uma cidade, quando você não tem conforto nem nada, a construção da usina hidrelétrica, não era grande também, não é, ela tinha o quê, em torno de uns dois mil câmbios por aí, então assim, a construção, construção da rede que trouxe energia para cá, foi bem interessante, que aí sim, tínhamos energia!

K.G.S.P: E aí com a energia veio o banco não é. Aí já facilitou a nossa vida, porque sem o banco era tudo em Vilhena ou em Pontes e Lacerda. E não existia no meio de Vilhena e Pontes e Lacerda, Nova Lacerda, nada.

J.C.R.P: E o banco só viria, só montaria aqui uma agência se a família construísse o prédio, para a gente alugar para eles. Então teve que construir.

Pesquisadora: De material.

J.C.R.P: É, do jeito que eles pediram não é.

Pesquisadora: Que é o que é até hoje?

J.C.R.P: É até hoje o mesmo prédio.

K.G.S.P: O correio foi a mesma coisa, era preciso construir uma sala, um lugar para o correio pode vir, e foi assim que o correio veio.

Pesquisadora: Vocês construíram e eles alugaram?

K.G.S.P: Ham ram [Afirmativa].

Pesquisadora: Essa questão de pistolagem conforme a senhora colocou, era por terras na cidade, ou por terras em volta da cidade, no caso fazendas, sítios que estavam no entorno?

J.C.R.P: Não, quando a gente fala em pistolagem aqui a gente só se refere a uma pessoa, que é o senhor Zambam. Ele tinha várias áreas de terras e naquela época já

existia essa questão de invasão, de tentativa de invasão, e naquela época se resolvia muitas as questões contratando pessoas que se diziam de segurança. Então vinham pessoas armadas e ele bancava esse pessoal, só que assim, esse pessoal de vez em quando saia do controle, sabe? Bebida alcoólica, essas coisas, eles saiam da fazenda e vinham para a cidade. E várias vezes eles fizeram arruaça aqui na cidade, caminhonete cheio de gente, de pistoleiro e tiro para cima, era assim uma questão que parecia cena de faroeste mesmo, aconteceu isso aí diversas vezes.

Pesquisadora: Lá no caso?

K.G.S.P: Não, eles vinham para cá

Pesquisadora: As brigas que ocorriam seriam pelas terras de lá, eles protegiam as terras de lá?

J.C.R.P: Exato!

K.G.S.P: As terras dele.

Pesquisadora: Mas não quer dizer que os fatos não corriam aqui, assim como o fato que ela relatou.

J.C.R.P: Sim

Pesquisadora: E em relação a questão indígena, havia índios aqui? Quando vocês chegaram?

J.C.R.P: Sim.

Pesquisadora: Tinham terras demarcadas, como que era essa relação?

J.C.R.P: Não. Até 84 não havia assim, as terras indígenas não eram delimitadas certinhas. Os índios entendia que toda a região eram deles. Ai veio o exercito com todos os marcos, com todas as coordenadas geográficas, e foi 84 que o exercito veio e começou demarcar as terras indígenas, e houve até problemas, porque as vezes eles entravam nas fazendas e as fazendas estavam formadas, cheia de gado e tudo mais e passavam a linha ali e sobrava 10% para o fazendeiro e o resto ficava tudo para os índios depois de formado, o cara já tinha uma estrutura. Houve muitas confusões. Mas o exercito marcou todas as terras como são até hoje. Hoje tem o marcos certinho, então hoje não há nenhuma dúvida, quando você entra nas terras dos índios, você sabe que é dos índios.

Pesquisadora: Naquela época ainda não sabia?

J.C.R.P: Não, não era bem definido.

Pesquisadora: E os indígenas tiveram algum conflito com essas pessoas?

J.C.R.P: Muito! Qual pessoa você fala?

Pesquisadora: Por exemplo.

J.C.R.P: Os fazendeiros?

Pesquisadora: Exato. Os fazendeiros que perderam essa terra, ou até, por exemplo, essa região era toda habitada por índio?

J.C.R.P: Sim, muito

Pesquisadora: Então hoje, havia indígenas nas terras que hoje é Comodoro? Havia indígenas aqui?

J.C.R.P: Não.

Pesquisadora: Aqui não?

J.C.R.P: Aqui não. Aqui nunca teve porque nunca foi área indígena.

Pesquisadora: Agora ao redor sim.

J.C.R.P: Sim. Passava a BR-364 que era ali estrada de chão, ali na CARGIL ela passa, se pode notar que tem até hoje, ela vai sair lá na fazenda Itália, então assim, todo mundo sabia que da Br para lá, era indígena, como é até hoje. E você indo para Campos de Júlio, você olha do lado esquerdo é tudo áreas indígenas, até no copo sujo. Ai já começa os dois lados já é fazenda. Mas dali, pegando o copos sujo e vindo até Comodoro, e de Comodoro quase chegando em Vilhena, até o doze de outubro eu acho que é, tudo é área indígena. Então Comodoro tem 63% da área do município é tudo área indígena.

K.G.S.P: A gente não tinha conflito com eles não, pelo contrário, a nossa casa vivia cheia deles. Era de manhã, de tarde, de noite (Risos)

J.C.R.P: É, o órgão que cuidava deles que era a FUNAI, eles eram um órgão assim que tinham poucos recursos, então assim, eles tinham dificuldade de tudo. Mas o pessoal de Vilhena, a sede era Vilhena como é até hoje, eles vinham e instruíam os índios, no sentido assim de não deixar o branco entrar, não deixar o branco tirar madeira, mexer com garimpo, esse tipo de coisa, então assim, eles eram muito bem instruído, então houve vários conflitos, depois houve até invasão, invasão em termos não é, entre aspas, porque o branco que queria tirar madeira, fazia um acordo com os índios, davas as coisas, carro, comida, esse tipo de coisa e tirava a madeira. E tiraram muita madeira não é, nem sei que ano aconteceu isso em 82, 83, tiraram muita madeira na área deles, mas com o consentimento deles.

K.G.S.P: Mas com o consentimento deles, porque na realidade era assim, eles passavam necessidade mesmo, e aí eles trocavam esses trem, mas quando a FUNAI vinha e descobria era um problema sério, e aí entravam questões judiciais, essas coisas todas! Mas assim, conflitos...

J.C.R.P: Foi pouco.

K.G.S.P: Em relação aos brancos, morte essas coisas nunca houve, pelo menos eu nunca soube, não é.

Pesquisadora: Entendi. Muito obrigada gente, pela atenção de vocês. Fico muito feliz que vocês tenham compartilhado suas vivencias, suas memórias comigo. Espero fazer um bom trabalho com tudo isso (Risos). Quando estiver pronto eu vou trazer uma cópia para vocês.

J.C.R.P: Tá bom. A gente espera ter contribuído.

Pesquisadora: A, com certeza, contribuíram muito sim.